

DISCURSO INAUGURAÇÃO FÓRUM

Bom dia a todos.

Permitam-me cumprimentar a mesa na pessoa do nosso Presidente do Tribunal de Justiça, Gilson Lemes, que muito nos honra com sua presença em nossa comarca de Vila Rica. A sua gestão é um marco na história do Tribunal de Justiça e agora, também, na de Ouro Preto.

Ao ilustre cidadão, artista e Desembargador José Marcos, que sensivelmente permitiu embelezar nosso espaço com o empréstimo de algumas de suas obras.

Aos meus queridos colegas Áderson e Edelberto, que tornaram mais leve o percurso de quatro anos na Direção, ainda mais desafiadores no cenário de pandemia e obra. À Dra. Kellen, colega que hoje é uma grande irmã, Não canso de enaltecer sua importância para essa direção. Nunca está sozinho, quem tem ao lado a generosa Dra. Kellen.

Ao município de Ouro Preto, que pelo empenho de todos os gestores que perpassaram até a conclusão da obra, sempre atenderam às demandas, cientes da importância dela. Por obra do destino, aqui encerramos, tendo como gestor municipal, o bisneto de João Pereira da Silva Continentino, antigo membro do Tribunal da Relação, Sr. prefeito Ângelo Oswaldo.

Dentre os mais nobres sentimentos que o ser humano vivencia, permito-me externar, em nome de nossa comarca, minha enorme gratidão em experienciar esse momento. Não me permito daqui avançar, sem ter ao alcance de meus olhos, aqueles que não só trouxeram inspiração a esses pilares, como igualmente transpiração. Sim, essa casa é feita também de suor dos nossos incansáveis guerreiros, a quem hoje gostaria de lhes oferecer o conforto de se acomodarem dentre as primeiras fileiras. Thamirys Cristina Aparecida Peixoto Rocha, nossa querida assistente de apoio à Direção, e Marcelo Oliveira de Araújo, nosso mestre de obras, vocês foram gigantes. Nada em Ouro Preto é igual aos outros lugares. Em uma cidade onde, até os dias de hoje nos surpreendemos com a descoberta de jazida de ouro, em meio ao caos da enchente, o inesperado lençol freático no terreno não nos desanimaria.

Por fim, mas não menos importantes, nossos servidores/terceirizados/estagiários. Esta é a Casa da Justiça que lhes apresento. Hoje são só paredes, mas sua simbologia é enorme, representam dignidade e reconhecimento ao que tanto fizeram por merecer. Dista de 1714 a mais antiga e bela comarca do Estado. Desde então, damos voz e vez à Justiça de forma incansável, embora nem sempre favoráveis nossas condições. Quão poéticas e inspiradoras nossas vielas, tão ricamente descritas por Cecília Meireles, *in* Romanceiro da Inconfidência, Tomás Antônio Gonzaga *in* Marília de Dirceu, dentre outros. Mas só Deus sabe o quanto nos custava disputar vagas com turistas no Centro Histórico, transitar com presos constrangidos em atravessar uma das praças mais visitadas do Brasil, improvisar audiências na entrada do prédio ao jurisdicionado especial, pela falta de acessibilidade em nossos prédios históricos, até confidências quanto aos “sopros do além”, que rondavam o prédio, testemunhei de um dos vigias noturnos. Tendo os dois prédios atuais localizados em nosso monumental centro histórico, quantas adversidades nós enfrentamos, mas sempre com tanto amor, tanta dedicação. Sim, vocês são merecedores de tudo isso. Mas, em verdade, lhes digo, ainda é só uma casa, são só paredes. Quanto preciso de vocês para encher de vida esse prédio. Tenho que essas

paredes são privilegiadas, não de presenciar, tenho certeza, a continuidade de uma linda história do Judiciário nessa comarca. Judiciário que cresce, evolui, desprende-se da abominável soberba. Nos reconhecemos como seres falíveis é libertador e necessário, que diga Tiradentes, nosso mais ilustre cidadão, que experimentou a morte como consequência de um infeliz julgamento. Sim, a justiça hoje se humaniza, prova disso são essas instalações, que destina uma sala docemente preparada a menores vulneráveis, que poderão prestar suas declarações em meio a dezenas de brinquedos doados por estes juízes, que hoje aqui julgam. Prova disso é comportar um conjunto de salas destinada ao Centro de Justiça e Cidadania, que reconhece no acordo sua principal arma de pacificação. Vocês são protagonistas e não abro mão de seguir com vocês, lado a lado.

Para o momento que vivenciamos, oportuna a transcrição de trecho do poema “Uma Casa sem Quintal não sabe o que é poesia”, do artista contemporâneo Pedro Gabriel:

Um quintal, aos olhos do dicionário, pode ser um pequeno terreno com horta, um jardim ou um pátio acoplado a uma moradia. Um quintal, aos meus olhos, é onde a casa faz poesia. Quando todos os habitantes se recolhem para sonhar, ela desperta para sentir, escrever, falar. As paredes não têm só ouvidos: elas têm alma, e boca, e mãos. E dessa alma nascem todas as palavras que precisam ser ditas; e dessa boca ecoam todas as vozes dos nossos silêncios; e dessas mãos surgem os versos mais bonitos e necessários para redesenhar nossas lembranças.

Concito-vos, servidores, colaboradores, advogados, protagonistas da Justiça. Há paredes, há respeito, há dignidade, agora é chegada a hora de prepararmos nosso quintal, de dar alma às paredes, plenamente cientes de nossa obrigação em promover justiça ao jurisdicionado, que aflito nos procura.

Por fim, a feliz notícia, vivemos em Ouro Preto, ‘uma cidade que não mudou’, segundo Manuel Bandeira. Tens em cada filho, a consciência do passado e da necessidade de sua preservação. Sim, Sr. Ricardo, filho do Alemão, que na sexta-feira lamentava em ter de deixar nosso setecentista prédio. Sim, Dra. Lúcia, nossa eterna juíza, que deixou grande legado à cidade. Sim, prefeito Ângelo Oswald, admirável conhecedor da história e incansável perseguidor de sua preservação. Sim, Presidente Gilson Lemes, que tanta história já fez no Tribunal de Justiça de Minas Gerais e encerra o mandado em tempo de fazer, na minha visão, a maior delas: na Praça Reinaldo Alves de Brito, 13, nosso casarão histórico comportará o Museu do Judiciário de Minas Gerais, tendo por grande entusiasta o Des. Caldeira Brant, ao qual rendo meus sinceros agradecimentos.

É hora de encerrar, e me valho do oportuno poema “Morte das casas de Ouro Preto”, do saudoso poeta Carlos Drummond de Andrade;

Sobre o tempo, sobre a taipa,
a chuva escorre. As paredes
que viram morrer os homens,
que viram fugir o ouro,
que viram finar-se o reino,
que viram, reviram, viram,
já não veem. Também morrem.

Há muito que se comemorar, há história a se preservar e outra a se escrever. Exaltemos as criações, mas não sucumbamos a elas. Cabe a nós finalizarmos a obra, concebendo alma e construindo o mais lindo quintal. Ao cidadão ouro-pretano, o meu compromisso, de nada valerão estas paredes, se não formos capazes de respondermos aos anseios e ecos de clamores de quem pousa aqui os olhos de esperança. Contem conosco, a casa é de vocês!